DE UM OUTRO IMPASSE

Encontro internacional dos FCL, 1 e 2 de julho de 2000

Colette Soler

Gostaria de abordar de frente uma questão crucial, que geralmente é tocada somente de forma tangencial: em que a Escola tem efeitos no tratamento? Dito de outra maneira, analisa - se de maneira diferente e melhor numa Escola do que fora de uma Escola? Porque, do contrário, qual seria sua utilidade? Mais genericamente, em que as análises são função do estado das comunidades analíticas, quer dizer, do discurso que este comanda.

Lacan evocou esse ponto no seu "Discurso à EFP" de 1967. Ele diz, ao falar do passe, contestado naquele momento: "Minha proposição mudou apenas numa linha a demanda de análise com fins de formação. Essa linha foi o suficiente, contanto que se soube sua prática." De fato, como a demanda de análise didática, seja qual for o momento em que surge, no início ou no curso de uma análise, assim como a resposta que o analista dá a essa demanda, como seriam elas, uma e outra, sem relação com as expectativas de final, com o que se pode exigir de sua conclusão? Já nesse sentido, a existência ou a não existência do passe tem efeitos de retroação no conjunto dos analistas. Resta ainda se perguntar qual é o sinal desta modificação: positivo ou negativo? Já foi dito: tudo o que não é proibido torna-se obrigatório. Como disse Lacan, o desejo que sustenta a invenção do dispositivo pode, em certas conjunturas, se degradar em efeito de super-eu coletivo. Algumas pessoas já se preocuparam com isso e eu retornarei a esse ponto.

Começarei por desenvolver uma tese, que creio ser fundamental.

Sabe-se que Lacan dissipou a distinção escorregadia entre análise pessoal e análise didática, com apenas uma fórmula: "a psicanálise, didática". Quer dizer, - mas se tem a devida dimensão? – não existe outra, uma outra assegurada, em todo o caso, pois se o sujeito não fizer ensino, ainda assim, pode haver efeito terapêutico; o efeito analítico , o que é propriamente didático, permanece indecidível. Por conseguinte, deve-se estabelecer a identidade, como o fazia Lacan: "da psicanálise didática e do ensino da psicanálise". Frase inevitável e a ser lida nos dois sentidos: uma análise é didática na medida que tenha sido um ensinamento para o sujeito, mas como sabe-lo sem um ensino que fale do que seja a psicanálise e que diga o que ela ensinou? Neste sentido, aliás, o AE não é um didata, é antes um "ditatisado" de sua psicanálise, se me permitem o neologismo.

Paralelamente a essa tese, tento explorar uma outra, à qual está em conexão. Eu a formulo assim: há identidade do problema da Escola com o problema de cada psicanálise. Uma e outra não visam com efeito, a nada diferente do que chamei *Aufhebung*, a ultrapassagem das verdades particulares e das singularidades sintomáticas de cada sujeito, em direção ao desejo do psicanalista. Logo, um objeto comum. Ora, esse desejo é um "ponto de absoluto": sem o passe ao desejo do analista não há ato analítico possível e, sem o ato analítico, não há psicanálise. Para operar contra o recalque, contra a escolha natural do "eu não penso" e da recusa de saber, é preciso esse ato que supõe esse desejo, a ser definido como um desejo anti-recalque por excelência, o que faz seu parentesco com o desejo de saber e que indica, acredito eu, que ele possa ser encontrado fora do tratamento, naquele mesmo que não quer tornar-se analista. Temos como sabido que esse desejo é produzido pelo tratamento, mas a questão é saber se ele não deve alguma coisa à Escola. É o que implica a noção de Escola como experiência original.

Começo pelo tratamento. Lacan construiu a topologia que articula passe e impasse, sendo os dois solidários. O passe no qual uma psicanálise encontra seu ponto de basta final só é pensável pelo impasse. De onde a tese de Lacan: o sucesso só chega à via analisante por aquilo em que ele falhou. É necessário, ainda, precisar que não se trata de um impasse qualquer. Falamos, de bom grado, de impasses próprios a um sujeito, e até mesmo dos impasses de uma vida e, é claro, de tratamento em impasse.

Mas o impasse em questão é impasse de estrutura que se deve à própria linguagem, ao fato de ser falante e que é, pois, para todos, universal. É Lacan quem o batizou com este termo porque, na psicanálise, ele tem ainda outros nomes. Castração é o seu nome freudiano, a não - relação sexual é a tradução lacaniana; impasse do sujeito suposto saber, de fato, a

aplicação ao tratamento introduzido na Lógica da Fantasia. Esse impasse designa um impossível, inerente à serie associativa, que, por estrutura, fracassa em bastear sua própria cadeia e, pois, não produz nada de outro enquanto tal, senão uma significação de castração. O inconsciente não conclui, a coisa extima que deriva na metonímia permanece inapreensível.. Esse impasse condiciona o passe, ou seja, o que chamarei, de boa vontade, um forçamento possível do impasse o qual, no entanto, sobrevive ao forçamento. Na diacronia do tratamento, da mesma forma que a palavra do poeta pode emergir no lugar do objeto indizível, uma percepção, um dizer podem se produzir, de maneira tal, que basteiem o impasse. Mas essa saída só é pensável porque a diacronia do tratamento desdobra, no tempo, uma sincronia que não é a do significante único, mas de seus nós com o fantasma- ou sintoma, segundo a definição que se dá a esse termo.

Há bem um passe possível após a longa passagem pela experiência da prova reiterada pelo impasse desse SsS2. Um passe que basteia todo o processo, que conclui e que dá, pois, sua solução ao impasse. Isso nos obrigaria a dizer que o passe inédito se conclui numa solução cujo núcleo não estaria aí, se já não estivesse, no essencial, mas que não se adequaria ao sujeito, e, até mesmo, que o horrorizaria. Nós o sabemos, a castração está inscrita no seio do inconsciente: horror! Horror intransponível, segundo Freud, que disse a verdade. Mas o Horror está foliado, se posso dizer assim, há um outro extrato desse horror, de onde se reduplica o " eu não quero saber nada disso" do sujeito que está no princípio da defesa propriamente neurótica e do recalque que ela engendra. Esse horror pára frente à solução de gozo que responde à castração. E é esta que o passe pode atravessar sem, no entanto, resolver a própria castração que é real. Freud tinha razão, mas Lacan não está enganado: a castração, por mais intransponível que seja, não constitui o impasse ao tratamento. Uma psicanálise se julga por esse ponto de basta final que conclui um processo, mesmo que esse ponto possa se repetir, e é somente nesse ponto que podem ser postas as condições do desejo do analista. Neste sentido, identificar - se ao sintoma ou saber fazer com ele, como gostam de dizer, é, sem dúvida, um progresso para a neurose, mas está longe de ser o fim do fim para o analista. Sem a conclusão de passe, o sujeito poderá registrar efeitos terapêuticos positivos, poderá dar provas sobre a impotência de concluir da associação livre, ele poderá, até mesmo, ter aprendido alguma coisinha sobre si mesmo e, daí, ele poderá, sem dúvida, colocar um fim com a idéia de que, no fundo, não há fim, mas o efeito propriamente didático permanecerá truncado.

Ora, ao contrário do impasse do SsS2, que é real, porque se refere

a um impossível, que não cessa de não se inscrever, o passe, este, só é possível. O impasse é para todos, o passe não é para todos, de fato. À parte de *autômaton* que há na elaboração de transferência, não responde nenhum *autômaton* de virada final. É que essa virada coloca a aposta mais do que a percepção do impasse. Põe em jogo o julgamento mais íntimo do sujeito, aquele em que a lógica e a ética se confundem. É por isso que, em outra ocasião, falei do "analisante lógico". Dito de outra maneira, o passe no dizer que conclui é um ato no sentido forte, ou seja, uma ruptura de causalidade, o ato introduzindo-se, em hiato, como uma causa nova. Aliás, um problema para os cartéis, me parece. Se eles não perceberam a dimensão de que o ato de passe é indedutível, de que o passante pode explicar tudo da conjuntura, mas nada do ato propriamente dito, não saberão autentifica-lo. Esta contingência do passe explica muito bem o seguinte: que analistas supostos haver tido a mesma experiência, pelo menos em alguma coisa, possam dizer, seja, que uma análise não tem outro fim além de sua parada, ou seja, o extremo oposto, como afirmamos junto com Lacan, que há um passe onde o interminável do impasse se resolve pela destituição, dando ao tratamento sua conclusão.

Isso, é claro, porque o passe sendo apenas possível, e, aliás, nem mesmo necessariamente freqüente, a verificação caso a caso se impõe ao dispositivo. Aqui o nó com a Escola já aparece. Não vou insistir sobre este ponto, relativamente evidente.

Mas isso não é tudo, este nó tem um outro fundamento. Produzir o desejo do analista no tratamento e verificá-lo no dispositivo de Escola, ainda não é suficiente. Há que se sustentar esse desejo. Com efeito, não apenas o passe é só possível e efêmero, assim como o instante do fantasma, sempre a recomeçar, pois, por pouco que ele diga de novo, o sujeito retorna ao impasse.

O desejo do analista permanece longe da indestrutibilidade que Freud atribuía ao desejo inconsciente. A transformação que um sujeito sofre numa análise terminada é, certamente em muitos pontos, irreversível. O ensinamento que tirou dela, indelével.

Mas o desejo, que brota daí, não é indestrutível, é sobretudo episódico e bem precário. É precisamente para compor suas eclipses que a Escola se impõe. Cabe a ela, não se encarregar, o termo seria impróprio, mas, digamos, entreter, no prolongamento do tratamento, o desejo que este produziu. Porque, não esqueçamos, esse desejo do analista, como qualquer outro, é um efeito de discurso que se entretém, se pontua, se corrige, e, oportunamente, também se restaura, enfim o que se causa e não de uma vez por todas. Disso resulta que é contraditório, frente à estrutura, o querer

o passe sem querer a Escola onde esse efeito de discurso se sustenta. Retornarei a este ponto.

Volto, pois, à função de Escola em sua relação com os impasses e passes em direção ao desejo do analista. Ela começa com a verificação que se opera no dispositivo, mas ela não pára aí.

A verificação se impõe mais do que nunca no contexto atual, em que os analistas existem e cada vez mais numerosos. Mas quem são esses psicanalistas senão "aqueles que se declaram como tal", como dizia Lacan em 1973? É a única profissão em que basta se declarar como tal para se crer que seja. Se dizer tal, para si mesmo, pode, efetivamente, já ser um sinal. Que Freud tenha podido, só e o primeiro, se declarar enquanto tal, é alguma coisa de inaudita e vale, de fato, como prova de um desejo que estava lá, único e verdadeiramente novo. Hoje é quase o inverso. Autorizar - se, afirmando-se como tal, é de tal forma admitido na doxa que vale como sugestão, quase pré - autorização, até mesmo norma de fim. A coisa está de tal forma banalizada, tão frouxa após alguns anos de análise, que, prontamente, o recuo de alguns sujeitos, diante dessa indução de grupo, seria quase um sinal de que eles estão mais próximos do que outros do desejo do analista.

Existem, pois, dois estratos quando dizemos os analistas. Há os que se dizem tal, eles existem independentemente do mundo, mas isso não prova nada. É justamente porque isso não prova nada que, mais do que nunca, é necessário "provar a formação", segundo a expressão de Lacan em 70 e não negligenciar o segundo estrato, o do analista autentificado ou que deu suas provas.

Essa distinção reflete-se, aliás, imediatamente sobre o didata. Lacan simplificou sensivelmente sua fórmula, sabemos, dizendo que só há didata de fato. É didata quem conduziu uma análise ou várias análises, que se confirmaram didáticas; estando a carreira, desde então, aberta a qualquer um, mas o desdobramento precedente reaparece: elas são confirmadas por um ou pelos que se declararam como tais, ou por um ou pelos que foram autentificados. No que diz respeito a dar provas, há diversos gêneros. Há, inicialmente, "a experiência enquanto avaliada pelos outros", entendam, os outros da mesma comunidade necessariamente, há, em seguida,o ensinamento digno deste nome. Lacan é o exemplo, ele que, quando foi posto em questão por todos, forneceu o que eu chamarei a prova pelo Seminário que vai muito além da própria psicanálise; e depois, sobretudo, há a prova pelo passe, essencial, em que o analista é autentificado pelo testemunho de sua análise, didática.

Eu sempre disse que, na minha opinião, uma Escola deve se apoiar

sobre o alicerce de uma associação que agrupe os que demandaram estar nela. Isso não impede que uma Escola de psicanálise não seja, enquanto tal, uma associação profissional: ela não tem outra realidade, a Escola, além do discurso, ainda que o discurso também suponha dispositivos.

Todas as indicações de Lacan, como as leio, realmente todas, a especificam pelo trabalho e pela elaboração em todos os níveis. Quer dizer que a prioridade é dada à posição analisante. Por que não falar do analisante de Escola? Eu não digo analisante da Escola. É analisante de Escola aquele que acrescenta, ao trabalho do tratamento e das supervisões, o trabalho de elaboração- prefiro este termo ao de pesquisa, vou dizer porque- aos outros níveis, leitura, estudos, a própria produção. Ler as formações do inconsciente não é, certamente, a mesma coisa que ler ou mesmo, às vezes, produzir um texto, mas são, de qualquer forma, tarefas analisantes. E quando se pergunta, entre parênteses, quem pode entrar na Escola, pois não é todo mundo, poderíamos até ficar tentados a inverter a idéia comum e, preferindo o analisante de Escola ao analista quando este está irremediavelmente instalado fora da via analisante, dizer: ninguém entra se não for analisante ou analisante de Escola em potencial.

Mas, no que diz respeito a isso, vocês perguntarão: não há muitos analisantes de Escola aqui e ali? Na verdade não. É certo que o analisante de Escola trabalha, mas nem todo trabalho é analítico. Ele só o é quando introduz, efetivamente, contra o recalque, porque, na psicanálise, somente há saber que se ganha seja do recalque ou da foraclusão - diferentemente da ciência. Emprego esse termo freudiano de recalque, mas eu o especifico. O saber que se inventa, ou antes, o dizer do saber que se inventa, se ganha sempre, não do recalque, mas do ponto de foraclusão da estrutura. S (A barrado). Quanto ao saber que já está aí, já elaborado, depositado no texto de cada inconsciente ou nos textos de doutrina, ele deve ser reconquistado a cada vez e ser recebido, de novo, do recalque sempre atuante. É por isso que o termo de pesquisa que convém à ciência, ocupada com o saber no real, não convém verdadeiramente para a psicanálise. A ele, prefiro o termo de elaboração, *in progress*, se possível.

Ora, entre o analisante em tratamento e o analisante de Escola há uma diferença: é que, além de seu próprio recalque, o analisante de Escola deve trabalhar contra o recalque de grupo, o recalque que veicula a doxa do grupo que assenta a Escola.

Não importa que se possa, assim, encontrar um analisante de Escola sem Escola. A recíproca é que não é verdadeira, infelizmente, e nós sabemos, muito bem, pela experiência que muitos de nós acabaram de atravessar, que se pode também trabalhar em uma associação dita Escola...

para consolidar o recalque.

Todo o coletivo se funda com esse recalque. Num sentido mais amplo, todos os laços sociais não analíticos, mesmo o discurso da histérica que pretende amar o saber, funda-se com o recalque e se estabelece em um " eu não quero saber nada disso". Na Carta aos Italianos, Lacan evocava, vocês se lembram, o horror da castração "próprio" a cada um. Esse termo se refere, precisamente, ao horror que não é próprio, o horror de grupo, se posso dizer, embora suas formas sejam variadas e relativas às diversas conjunturas. Freud aproximou bem a natureza do recalque de grupo. Como todo recalque, ele instaura uma relação de defesa frente ao real, que se serve do significante mestre, mas encarnado aí em um objeto. Tal é o impasse próprio do grupo. No próprio tratamento, o objeto da transferência, instituído via saber suposto (e, logo, a ser escrito: a/S2), transforma-se, quase automaticamente, na idealização (melhor escrita: a expondo o I do ideal), mas o desejo do analista trabalha contra esta instituição idealizadora do objeto, e obtém, o que é o mais freqüente, a sua queda ao final do processo e sua redução à única função da causa. Daí a questão, mais que questão, a necessidade de encontrar uma função homóloga ao desejo do analista para fazer frente ao impasse próprio do grupo.

As formas desse impasse variam na história. É preciso tempo para que o recalque de grupo opere e, sobretudo, para que se torne legível, mas podemos, no *a posteriori*, fazer um diagnóstico de sua forma preferencial em cada conjuntura da instituição analítica. Na IPA é o mais legível e o mais declarado: é o *standard* instituído e, principalmente, o do didata instituído que, mascarando a foraclusão estrutural, abre para o recalque das singularidades subjetivas e do ato. Na EFP, vimos emergir, após algum tempo, algo como uma suplência espontânea do objeto *standard* da IPA. Os chefes de equipe, modelos surgidos espontaneamente, múltiplos e divididos (desenvolvi este ponto, em julho de 80, em Caracas). Lacan teve muitos termos para designar isso, chegando até o "asno-a-lista". A EFP tinha deixado instaurar - se uma fragmentação interna que lhe foi fatal. Na AMP, como é conhecido, a voz-(e) (escrevam com z e com e também), a voz-(e) Una, maiúscula, substituiu as vozes justapostas que murmuravam na EFP, mas que permaneciam, ainda, encobertas pela voz de Lacan.

Será que já podemos imaginar, antecipadamente, qual será o nosso próprio recalque de grupo? O conjunto que formamos nos Foruns, vasto e heterogêneo, proveniente, no essencial, de uma experiência comum, apresenta vantagens imediatas, ou, pelo menos duas. Inicialmente, é o fato de que nossos Foruns são muito novos para que as estases do recalque

de grupo já estejam fixadas. Elas ainda são apenas embrionárias e, freqüentemente, seqüelas do passado, mas já perceptíveis, às vezes, o bastante para que possamos prever, acredito, apesar de todos os receios do retorno da AMP que ouvimos ecoar, que essas estases do recalque trabalharão mais a favor de uma fragmentação interna tipo EFP, ainda que sem Lacan desta vez, e ainda maior. Duplo inconveniente, porque o regime da justaposição das consistências de grupo não vale mais para uma Escola do que uma consistência unificada pelo Um, já que a Escola visa justamente à inconsistência do recalque de grupo.

Ora, o que pode operar contra esse recalque do grupo, contra as figuras idealizadas do sujeito suposto saber, que servem de defesa à hiância do Outro e ao gozo que a obtura, uma vez que a denúncia não serve para nada? Senão, como no tratamento, com a elaboração sempre analisante, seja no passe, nos cartéis, no ensinamento? Deixando claro que esta elaboração, ainda como no caso do tratamento, deve ser causada, na contracorrente. A homologia fica completa com isso. O que já seria uma razão para desejar o analisante de Escola, o que quer dizer que todos os analistas, incluindo os AEs, sejam A(d'E). A verdadeira permutação está aqui. É a que faz alternar a via analisante com a via analista, porque permutação, que opera no âmbito da gestão, não tem efeito na Escola.

A Escola, se ela quer ser, verdadeiramente, solução para o impasse próprio ao grupo, não pode se limitar ao dispositivo do passe. Ela deve, antes de mais nada, desenvolver o discurso que torne possível o funcionamento desse dispositivo, sustentando o desejo do analista, e eu poderia dizer, dos analistas. O ato que força as abordagens do real- tanto o real seja definido como impossível ou como o fora do simbólico, que os força contra o horror do sujeito e a despeito de seus suspiros- violência de que os analistas têm horror, segundo Lacan- o ato então é contracorrente demais para que o desejo, que o suporta, possa se sustentar sem o suporte das incitações de Escola, quer dizer, do próprio discurso analítico. Isso é da ordem do supereu? O próprio entusiasmo que Lacan evoca na Carta aos Italianos como o afeto eventual da heteronomia do real o mais êxtimo, não tem a mesma consistência desse real. Então, produzir a duras penas um desejo inédito, como resultado de uma análise, verificar esse desejo no dispositivo do passe e não criar em torno desse dispositivo as condições de discursos sem as quais esse desejo tem todas as chances de se deixar estrangular, sufocar pelo impasse de grupo, seria ilógico e faria falta para o discurso analítico. O analista e a Escola estão atados irremediavelmente: de um lado, é preciso o desejo do analista para que haja Escola. O AE deveria então ser a pedra angular, como analista da experiência da Escola,

quer dizer, como causa dessa experiência. Mas sem Escola, o que resta do desejo do analista, que, assim como o inconsciente e o DA, se perde em pôr sua própria natureza? Daí o círculo que não é vicioso: a Escola suporta o AE que sustenta a Escola que não é sem analisantes de Escola, pois uma formação se mede por sua potência anti-recalque.

Insistem muito no laço inédito que conviria aos analistas. Eu não o nego, mas não acredito que o essencial esteja aí. O essencial está antes em sustentar, favorecer a relação de cada um com a experiência analítica. Experiência que não se reduz à prática ou à clínica do tratamento, que inclui a prática, e, me arrisco em dizer, a clínica da Escola, à medida que os dois, tratamento e Escola são experiências em que se deve trabalhar para o mesmo discurso que sustenta e suporta o mesmo desejo... do analista. A criação da Escola punha no programa a "expansão do ato". Esta é a expressão do Discurso a EFP que designa a multiplicação necessária dos psicanalistas e, sobretudo, o aumento do perímetro do ato que deixa de permanecer aquartelado pelo tratamento e que vai até à instituição Escola. Isso é o mesmo que dizer que a cada vez que opomos, e o fazemos com freqüência, o interesse pela psicanálise de um lado e o interesse pelo problema da Escola de outro, estamos ao lado da placa - a placa lacaniana. Não só a Escola é um problema analítico no sentido forte, mas, reciprocamente, as psicanálises uma a uma, não deixam de lhe levar sua marca.

Eu retorno para terminar por onde comecei: a natureza do efeito de uma Escola sobre as próprias análises. Poderíamos pensar que esse efeito estivesse mitigado, se abordarmos a questão pelos passes falhados. A existência do discurso da Escola muda as expectativas analisantes a títulos diversos. Afirmando que a experiência é estruturada, ele lhes insufla a exigência de se encontrar nela; colocando o passe como possível, ele os faz esperá-lo. Por um pouco que o analisante fracasse numa ou noutra tarefa, o sentimento de impasse será tanto maior quanto, talvez, igualmente desencorajador. A possibilidade do passe faz, com efeito, aparecer como em impasse as análises que não o atingem. É, talvez, o que dá às vezes o sentimento de que a Escola sobrecarrega o analisante com um supereu suplementar que, no caso de passe falhado, só pode prolongar os tratamentos. Não deixa de ser verdade, mas essa visão é apenas parcial, pois o essencial da psicanálise está à mercê do desejo do analista, desejo sem o qual a prática se abate rapidamente a uma mera terapia. Para esse desejo, tentei mostrar, é preciso imperativamente uma Escola e, sem ela, o passe mesmo não tem nenhuma chance de produzir o que Lacan esperava dele. Eu insisto sobre o desejo do analista como condição primeira e

necessária, mas não quero dizer com isso que este desejo seja o suficiente para toda a psicanálise. Evidentemente, é preciso que se acrescentem todos os elementos que resultam de uma formação: de saída, um certo saber clínico, depois o que Lacan chamava o "savoir faire" do psicanalista que fixa, segundo ele, os limites da responsabilidade de cada analista e, finalmente, uma certa arte de interpretação.

Dito de outra forma, a inteligibilidade da estrutura, uma certa liberdade adquirida em relação ao sintoma próprio, uma atitude a se prestar à transferência e, talvez, também uma pequena alguma coisa como talento próprio.

Eu havia falado de um outro impasse. Vocês terão compreendido que se trata do mesmo, transferido para o lado Escola. Este só pode ser tratado da mesma forma, pelo trabalho abalizador. Não esqueçamos, pois, que o passe deve: "como o mar , ser sempre recomeçado".

Termino, deixando-os com uma questão. Não fiquem assustados, como eu estou, com estes momentos em que percebemos, num ou noutro e também em nós mesmos, temos testemunhos suficientes, a deflação, o desfalecimento do desejo que sustenta toda a experiência e, com ela, inseparável, a triste ascensão do discurso do desencanto, e até mesmo da depreciação da psicanálise em nome das aventuras lamentáveis dos psicanalistas. Esse discurso, se quer não-tolo mas, a meus olhos, simplesmente perdeu o fio da meada , o fio que nos reuniu e que funda a necessidade propriamente analítica da Escola.